

“ESCUTA O BÚZIO E OUVIRÁS O MAR: UM CONVITE DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN”

Maria João Simões

palestra proferida na Escola Secundária D. Duarte, em Coimbra, a 16-Março-2004.

A escrita de Sophia procura ser uma "atenta antena", que capta os sinais do mundo e os acolhe numa luminosidade inebriante e apaziguadora.

Ligada ao visível e ao concreto – e com uma evidente preferência pelo mar como referente – , a poesia e a prosa de Sophia instauram uma comunhão entre o olhar dos seres humanos e as coisas com a serenidade e a sabedoria que, segundo a poetisa, os deuses e os sábios gregos nos ensinam, numa busca sonhadora de um tempo uno e primordial.

Proponho, então, uma viagem ao mundo criativo de Sophia que consiga captar subtis relações entre alguns dos seus poemas e os seus contos, explorando certos temas obsidianes e certos aspectos singulares da sua obra que a ligam ao pensamento existencialista. Neste percurso escolher-se-ão as seguintes “estações” de paragem obrigatória:

1. a escuta e os sentidos;
2. o mar / a vida;
3. a procura e a liberdade;
4. a escolha;
5. a viagem.

1. A escuta e os sentidos

Saborear o mundo ouvindo o que nos rodeia é uma das proposta de Sophia. Esmagados pelo mundo circundante e pelas suas contigências, esquecemo-nos de ouvir o vento e o mar e só eles podem relativizar outros sons ou mesmo ruídos que nos perturbam. Por isso ela nos escreve num poema intitulado “Escuto”:

Escuto mas não sei
Se o que oiço é silêncio
Ou deus

Escuto sem saber se estou ouvindo
O ressoar das planícies do vazio

Ou a consciência atenta
Que nos confins do Universo
Me decifra e me fita¹

Sophia faz constantes apelos a que se oiça, mesmo que seja o terrífico e o horror que assola e persegue o homem, como nos diz nos seguintes versos do poema “Pássaros”: “Ouve que estranhos pássaros (...) de gritos (...) selvagens” (*Ant.*, p. 100).

Claramente “a escuta” é uma lição que a escritora nos diz ter aprendido com filósofos, pensadores e poetas gregos, tendo, por detrás deles, a vontade dos deuses do seu panteão divino:

Ausentes são os deuses mas presidem. / (...)
O Seu olhar ensina o nosso olhar:
Nossa atenção ao mundo
É o culto que pedem.” (*Ant.*, p. 244)

Mas se os deuses ensinam (mesmo que pequenos deuses terrenos sejam), teremos de ser nós a aprender esta “atenção ao mundo” como Alberto Caeiro mostra e propõe na sua poesia sensacionista. Herdeira da naturalidade de Caeiro (mas não da sua ingenuidade), Sophia imprime na sua poesia marcas indeléveis da presença dos sentidos, chamando a atenção para o sabor de ouvir as coisas vistas como se evidencia na poesia “Nardo”:

Pesado e denso,
Opaco e branco,
Feito
De obscura respiração
E de nocturno embalo.

A relação entre o ver e o ouvir participa, na poesia de Sophia, de uma relação entre o fluir de um canto sagrado, unificador mágico e o visível ou aparência da diversidade (Lopes, 1989: 24).

A profundidade desta atenção dada às coisas compreende-se melhor se a relacionarmos com o primado da existência advogado pelo existencialismo. Na verdade, esta corrente filosófica inverte a máxima cartesiana — “penso, logo existo” — ao postular a sequência: “existo, logo penso”. Concede, assim, a primazia à existência relativamente à essência, o que pressupõe uma aguda consciência da finitude do homem, ou seja, o facto de o homem viver para a morte. Apenas consciente e só se consciente, o homem pode ultrapassar a banalidade da existência anónima que esconde o nada da existência (EB-CD, 1990: File 4²). O medo, o receio e a angústica emergem desta forma dura (mas consciente) de encarar o “nada” da existência, o qual decorre da efemeridade, da finitude e do absurdo da vida. No entender de Heidegger, o homem está “*frente a frente* com o

¹ Cf. Geografia, 1967, in *Ant.*, p. 200.

² Esta abreviatura refere-se à *Encyclopædia Britannica CD, Inc. EB, 1990.*

‘nada’ da possível impossibilidade da [sua] existência” (EB-CD, 1990: File 4) — daí que surjam esses sentimentos de desespero e angústia. Porém, aqui reside a novidade da proposta existencialista: estas noções são convertidas em conceitos-chave, pois estes filósofos entendem-nas como conceitos dinâmicos. Segundo o existencialismo ateu de Sartre, isto decorre do facto de não se acreditar mais em Deus e de ele deixar de funcionar como panaceia para explicar o acaso dos eventos e a vulnerabilidade do homem face às circunstâncias. Para Sartre, o “eu” encontra-se só, no seu existir - daí uma das suas obras mais importantes se intitular *O Ser e o Nada*. Para este pensador é crucial o homem aperceber-se disso e estar atento ao momento em que a consciência do existir se possa revelar, tal como acontece em *A Náusea* (com Roquentin, o protagonista) onde se configura literariamente este momento de epifania:

A coisa que estava à espera, deu o alerta, precipitou-se sobre mim, vaza-se em mim, estou cheio dela. Não é nada: a Coisa sou eu. A existência, liberta despida, refluí sobre mim. Eu existo.

Estou a existir. É suave, tão suave, tão lento! É leve: como algo que se mantivesse no ar em suspensão. Sinto mexer: impressões levíssimas por todo o corpo, que fundem e se desvanecem. Suavemente, suavemente. (Sartre, 1976: 125).

Mas Sartre assume-se como ateu. Todavia, é indispensável sublinhar aqui a presença de uma outra vertente do pensamento existencialista que mantém a crença em Deus — representada por Karl Jaspers e Gabriel Marcel (EB-CD, 1990: File 3). Para estes pensadores, Deus, misteriosamente, superintende a relação do homem com o acaso ou a ordem das coisas. Jaspers via “a revelação da transcendência em cifras (...) as quais podem ser como símbolos de situações existenciais”³.

Ora Sophia, claramente influenciada pelo existencialismo, insere-se nesta última tendência pois Sophia é profundamente crente — como ela própria explicita inúmeras vezes. Neste sentido, a sua atitude liga-se a esta forma de perspectivizar a transcendência com a inclusão do divino, que se prolonga, conseqüentemente, na forma de pensar a relação do homem e das coisas com esse mundo transcendente. Este aspecto poderá constituir assim, uma via que ajude a compreender a insistência de Sophia para que se interpretem os sinais que emanam da Natureza e para que nos matenhamos em constante diálogo com ela, como faz o Búzio do conto “Homero”:

No alto da duna o Búzio estava com a tarde. O sol pousava nas suas mãos, o sol pousava na sua cara e nos seus ombros. Esteve algum tempo calado, depois devagar começou a falar. Eu entendi que ele falava com o mar, pois o olhava de frente e estendia para ele as suas mãos abertas, com as palmas em concha viradas para cima. Era um longo discurso claro, irracional e nebuloso que parecia, como a luz, recortar e desenhar todas as coisas.

Não posso repetir as suas palavras: não as decorei e isto passou-se há muitos anos. E também não entendi inteiramente o que ele dizia. E algumas palavras mesmo não as ouvi, porque o vento rápido lhas arrancava da boca.

3 Cf. EB-CD, 1990: File 4.

Mas lembro-me de que eram palavras moduladas como um canto, palavras quase visíveis que ocupavam os espaços do ar com a sua forma, a sua densidade e o seu peso. Palavras que chamavam pelas coisas, que eram o nome das coisas. Palavras brilhantes como as escamas dum peixe, palavras grandes e desertas como praias. E as suas palavras reuniam os rostos dispersos da alegria da terra. Ele os invocava, os mostrava, os nomeava: vento, frescura das águas, oiro do sol, silêncio e brilho das estrelas. (CEx. p. 148).

A mensagem de Sophia é uma mensagem de constante alerta para as coisas — por isso ela intitula um dos seus livros *O Nome das Coisas*. Será através das coisas que nós podemos realizar a descoberta do que de estético elas possam conter e que, para nosso próprio bem, nos convirá fazer emergir⁴, mesmo que seja o ténue e “surdo rumor dos búzios” (*Ant*, p. 157).

De entre tudo o que se pode olhar, Sophia destaca, sem dúvida, o mar. Será portanto o tema do mar que constituirá a segunda estação /tema a abordar nesta viagem pelo mundo de Sophia.

2. o mar / a vida - mar da vida (lonjura e contingência)

A força do mar é uma inegável fonte de inspiração para Sophia como ela própria acentua. Em parte porque o mar nos faz ver a imensidão da Natureza face à finitude do Homem. Pela sua movência, constantemente reciclada, muitas vezes o mar contrasta com a contingência da vida :

Alegria de ir ver o êxtase do mar

Com as suas ondas-cães, seus cavalos

Suas crinas de vento seus colares de espuma

Seus gritos seus perigos seus abismos de fogo. (*Ant*, p. 157)⁵

Simultaneamente fundamento da criação e do criado, o mar é lugar de “exaltação e espanto”, como a escritora efusivamente celebra no conto “A Casa do Mar” (de 1970):

Pelo gesto de dobrar o pescoço e de sacudir as crinas, as quatro fileiras de ondas, correndo para a praia, lembram fileiras brancas de cavalos que no contínuo avançar contam e medem o seu arfar interior de tempestade. O tombar da rebentação povoa o espaço de exaltação e de clamor. No subir e no descer da vaga, o universo ordena o seu tumulto e seu sorriso e, ao longo das areias luzidias, maresias e brumas sobem como um incenso de celebração.

E tudo parece intacto e total como se ali fosse o lugar que preserva em si a força nua do primeiro dia criado. (H T M, 1990, 72).

4 Não cabendo nos propósitos deste estudo, seria porém muito interessante explorar a proximidade desta atitude de Sophia com aquela proposta pela fenomenologia: a de olhar ingenuamente as coisas e de forma constantemente renovada.

5 Símbolo de movimento e força o cavalo tem uma larga tradição na mitologia: “Em todas as culturas o cavalo é associado aos poderes fertilizantes da Terra e à comunicação entre os mundos. Animal sagrado para vários povos, tem sua imagem associada a muitas divindades e heróis da Antigüidade. Seu simbolismo é muito complexo e, até certo ponto, não muito bem determinado. Para o antropólogo Mircea Eliade é um animal ctônico-funerário, enquanto Mertens Stienon considera-o símbolo do movimento cíclico da vida manifesta, pois nasceram do tridente de Netuno/Poseidon, que os faz surgir das ondas marinhas. Em função disso, o cavalo desempenhava um importante papel em muitos ritos antigos. Cf. “Mitologia do Cavalo”, in Ilha do Mistério, <http://www.ordemnatural.com.br/ilhadomisterio/mitologiadocavalo.htm>

Como a escritora esclarece neste texto, o mar é um contínuo lugar de espanto porque é “onde o real mostra o seu rosto e a sua evidência”. O ser humano pequeno e contingente só terá a aprender com a evidência impositiva do real representada pelo mar na sua força movente. Perante a sua grandeza talvez o homem aceite melhor a sua contingência, a sua condição humana — o que lhe poderá trazer paz e tranquilidade, sem eliminar, antes pelo contrário, pressupondo o dinamismo. (Assim, a oposição grandeza vs contingência permite dar uma alargamento maior ao sentido da vida como mar de vida).

Surge lógico, então, o título *Navegações*, uma obra de 1983, pois aí se canta os que “navegavam sem o mapa que faziam” deixando para trás “os sábios [que] “tinham concluído/Que só podia haver o já sabido:/Para a frente era só o inavegável”, ou seja, canta aqueles que procuraram (ainda que “trémula a bússola tactea[sse]) a “indecifrada escrita de outros astros”. (*Nav*: 12)

Mescla de força e de fluidez, de tranquilidade e movência o mar apresenta-se verdadeiramente polissémico, metaforizando o equilíbrio entre a calma e o dinamismo, a possibilidade da aventura humana e ainda a beleza do mundo.

Eis por que Sophia nunca esquecerá a lição do mar que aprendeu com a figura que apresenta sob o nome Búzio — e que muitas vezes nós esquecemos — por isso ela diz: “Foi no mar (...)/Ao olhar sem fim o sucessivo/Inchar e desabar da vaga/A bela curva luzidia do seu dorso/O longo espraiar das mãos de espuma” “que aprendi o gosto da bela forma” (cf. “Foi no mar que aprendi” in *O Búzio de Cós*, p. 11)

Com o mar e com o todo o real, Sophia aprendeu a ver esteticamente e, simultaneamente a ver esteticamente o real, e ainda para além disso aprendeu também o próprio sentido da procura – aprendeu a procurar o estético. Eis porque a terceira estação de paragem incide sobre os temas da procura e da liberdade.

3. Procura e liberdade

A liberdade não nos é dada — antes nos é imposta se tomarmos consciência do nosso existir. A partir do momento em que existimos, ou melhor, de que tomamos consciência que existimos somos LIVRES de traçar o nosso existir. A liberdade obriga-nos a forjar um caminho e a perseguir o que queremos ou sonhamos.⁶

Como acentua Sartre no célebre texto “O existencialismo é um humanismo”, não havendo Deus e suprimido o determinismo, o “homem é liberdade”, não tem mais de obedecer a valores ou ordens que exteriormente “legitimem a sua conduta”, pois “uma vez atirado para o mundo é responsável pelo que faz”, pelo que “está condenado a inventar o homem”⁷, a inventar-se a si próprio e ao que vai fazer.

6 Note-se que, para Sophia, a dimensão do sonho é complexa e misteriosa como se pode ver nos seguintes versos “A dimensão transparência/Senhor libertai-nos do jogo perigoso da transparência/No fundo do mar da nossa alma não há corais nem búzio/Mas sofocado sonho (Ant. p. 244)

7 Para Sartre, “esta espécie de angústia, que é a que descreve o existencialismo” explica-se “além do mais, por uma responsabilidade directa frente aos outros homens que ela envolve. Não é ela uma cortina que nos separe da acção, mas faz parte da própria acção.

E quando se fala de desamparo, expressão querida a Heidegger, queremos dizer somente que Deus não existe e que é preciso tirar disso as mais extremas consequências. (...) O existencialista, pelo contrário, pensa que é muito incomodativo que Deus não exista, porque desaparece com ele toda a possibilidade de achar valores num céu inteligível; não pode existir já o bem *a priori*, visto não haver já uma consciência infinita e

Apesar da sua crença em Deus, Sophia, a poetisa de *Geografia* — como o título claramente indica — está bem consciente de que o homem deve criar as suas coordenadas e por isso nos diz:

Faz da tua vida (...)
Um lúcido terraço (...)
Alheio o passo em tão perdida estrada
Vive, sem seres ele, o teu destino.
Inflexível assiste
À tua própria ausência. (*Ant.* p. 245).

Clamar pela liberdade constitui, por isso, uma feição importante da sua escrita, a qual, segundo Maria Alzira Seixo, se apresenta como “uma provocação conseguida à dimensão ética que a estética pode conter, uma comunicação de beleza verbal que transporta a necessidade de interpelar o mundo, e de nele acentuar valores, ou nele denunciar insuficiências e incumprimentos” (Seixo, 2001: 14).

Sublinha-se, portanto, a forte presença de uma ética na sua estética.

Como acentua Gastão Cruz, “a dimensão ética (...) não exclui a referência política nem o combate explícito pela justiça (Cruz, 1999: 88). Assim, encontramos nas suas obras muitos poemas dedicados a figuras que lutaram pela liberdade ganhando assim um lugar na história: “Assassinato de Simoneta Vespucci” (in *Coral*, 1950), “Catarina Eufémia” ou “Camões e a tença” (in *Dual*, 1970). É sabido como durante o período Salazarista “alguns dos seus poemas alegorizaram em sordidez e aviltamento o próprio vulto do fascismo”, conforme salientou Maria Alzira Seixo (2001: 15) – o que é bem visível no poema em que alude ao ditador:

O velho abutre é sábio e alisa as suas penas
A podridão lhe agrada e seus discursos
Têm o dom de tornar as almas mais pequenas.

Só à luz desta forma de encarar o tema da liberdade se poderá interpretar mais profundamente o significado do conto “Silêncio” (de *Histórias da Terra e do Mar*) onde a tranquilidade do silêncio é quebrada pelo grito de revolta ”

Um grito agudo, desmedido [de] uma voz nua desgarrada, solitária. Uma voz que de grito em grito se ia deformando, desfigurando até ficar transformada em uivo (...)[de] fúria, raiva, desespero, violência. (...)

Na paz da noite, de cima abaixo os gritos abriram uma grande fenda, uma ferida. Gritava como se estivesse só no mundo, como se tivesse ultrapassado toda a companhia e toda a razão e tivesse encontrado a pura solidão.

perfeita para pensá-lo; não está escrito em parte alguma que o bem existe, que é preciso ser honesto, que não devemos mentir, já que precisamente estamos agora num plano em que há somente homens. (...) Aí se situa o ponto de partida do existencialismo. com efeito, tudo é permitido se Deus não existe, fica o homem, por conseguinte, abandonado, já que não encontra em si, nem fora de si, uma possibilidade a que se apegue. Antes de mais nada, não há desculpas para ele. Se, com efeito, a existência precede a essência, não será nunca possível referir uma explicação a uma natureza humana dada e imutável; por outras palavras, não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Se, por outro lado, Deus não existe, não encontramos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento. Assim, não temos nem atrás de nós, nem diante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. Estamos sós e sem desculpas. É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si próprio; e no entanto livre, porque uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer. (Sartre, 1978: 225).

Gritava contra as paredes, contra as pedras, contra a sombra da noite. Erguia a sua voz como se a arrancasse do chão, como se o seu desespero e a sua dor brotassem do próprio chão que a suportava. Erguia a sua voz como se quisesse atingir com ela os confins do universo e, aí, tocar alguém, acordar alguém, obrigar alguém a responder. Gritava contra o silêncio. (H T M, p. 52-53).

Ora estas pedras e estas paredes contra as quais se grita são as paredes da prisão que a personagem ladeia – a prisão é apenas referida vagamente (por sugestão), mas o leitor percebe que só ela pode ser a causadora do grito.

Esta atitude crítica não deixa de marcar presença em poemas mais recentes e actuais, pois muito embora os “aprisionamentos” de hoje sejam diferentes, eles também impedem de ver livremente, como se pode ver no poema onde nos traça o retrato da “Activista cultural”:

O passo decidido não acerta com o cismar do palácio
O ouvido não ouve a flauta na penumbra
Nem reconhece o silêncio
O pensamento nada sabe dos labirintos do tempo
O olhar toma nota e não vê (B C, p. 18)

4. A escolha arguta

Estreitamente interligada com o tema da liberdade emerge a ideia da escolha. Perante o nada da existência e a possibilidade de vazio, o homem enfrenta a opção de agir. De acordo com as teorias existencialistas, o “homem faz ele próprio o que ele é através das suas escolhas, escolhas de modos de vida segundo Kierkegaard, escolhas das acções particulares, segundo Sartre”. (cf. Encyc Brit, Inc. EB File 3)⁸. Acentua-se, assim, a subjectividade humana ao pressupor que cada um escolhe. Mas, como sublinha Sartre, no célebre texto “O existencialismo é um humanismo”, esta escolha individual está inextricadamente ligada aos outros e afecta a todos:

Escolher ser isto ou aquilo, é afirmar ao mesmo tempo o valor do que escolhemos (...) Se a existência, por outro lado, precede a essência e se nós quisermos existir, ao mesmo tempo que construímos a nossa imagem, esta imagem é válida para todos e para toda a nossa época. Assim, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda a humanidade inteira. Assim a nossa responsabilidade é muito maior (Sartre, 1978: 219).

Ora, uma verdadeira alegoria da escolha constitui o conto “História da Gata Boralheira”, no qual Lúcia, quando perde o sapato velho e roto no seu primeiro baile, escolhe o caminho da riqueza até regressar de sapatos de brilhantes. Porém, a morte ou a justiça não deixam de lhe vir tirar também

⁸ Sartre afirma: “o homem não é mais que o que ele faz. Tal é o primeiro princípio do existencialismo. É também a isso que se chama a subjectividade, e o que nos censuram sob este mesmo nome” (Sartre, 1978: 217).

esses sapatos com os seus brilhantes, e ela morre quando questionada sobre o sentido e o valor da sua escolha (HTM: 42).

Deste modo, a escolha implica não só consciência mas também responsabilidade. Vergado sob o peso da responsabilidade, o homem é perseguido pela angústia – um conceito da maior importância para Sartre que se preocupa em esclarecer a vantagem de reconhecer a angústia, em vez de a tentar apagar, ou esconder, ou escamotear. Na verdade, apesar do lado negativo que a angústia provoca, apesar do sofrimento que gera, a angústia também significa um avanço na tomada de consciência, e, entendida neste sentido, “não se trata de uma angústia que conduza ao quietismo e à inacção”, mas sim à acção.

Amiúde os existencialistas sublinharam a necessidade da acção, do FAZER, e, por isso, a mensagem que nos traz o existencialismo é actuante, instiga à cidadania activa e consciente. É de acordo com este sentido que Sophia vai inverter a mensagem de Ricardo Reis, demasiado epicurista e desistente, contrapondo-lhe uma mensagem de entrega plena à vida. De facto, enquanto Ricardo Reis aconselha “não tenhas nas nas mãos/ nem uma memória na alma” e propõe a Lídia o desenlaçar das mãos, para evitar uma futura saudade sofrida, Sophia, num sentido oposto, recomenda a Lídia “Vai sempre mais à frente/Do que o teu próprio passo” (estabelecendo assim um inventivo diálogo com o heterónimo, como se verifica no poema “Homenagem a Ricardo Reis” , de 1970, cf. *Ant.*, p. 243).

Quem escolhe incorre num risco, e isso implica coragem, implica a RESPONSABILIDADE da escolha: se temos de ser nós a escolher, a responsabilidade da escolha é inteiramente nossa. Sartre salienta como é mais fácil deixarmo-nos convencer de que, se não fazemos, é porque não nos deixaram, se não somos capazes, é porque não nos prepararam para o sermos, mas salienta também quão cobarde é esta atitude. Para o pensador existencialista “o cobarde é responsável pela sua cobardia”. Na verdade, segundo Sartre “não há temperamento cobarde (...) [porque] um temperamento não é um acto.” O cobarde é definido a partir do acto que realiza, a partir do seu fazer, da sua acção. “O cobarde faz-se cobarde”, tal como o herói se constrói como herói pelo que faz: “o herói faz-se herói”, não nasce herói. (Sartre, 1978: 246).

Consciente da responsabilidade da escolha, Sophia destemidamente assume o risco, como se pode verificar no poema onde diz:

Apenas sei que caminho como quem
É olhado e conhecido
E por isso em cada gesto ponho
Solenidade e risco (*Ant.*, p. 200)

Simbolicamente, a ideia da escolha aparece representada recorrentemente na situação do sujeito perante a encruzilhada.⁹ Profundamente enraizada, a simbologia da encruzilhada tem já uma longa tradição em inúmeras culturas e espalha-se pelo mundo todo:

⁹ A encruzilhada revela-se como um lugar onde se pode revelar a sabedoria, funcionando como lugar de poder: “Quando se compreende a visão dos magos sobre os cruzamentos dos caminhos, fica até fácil de entender a importância da encruzilhada como lugar de PODER em todas as culturas tradicionais.” Cf “Encruzilhadas” in *Ilha do Mistério* [http://www.ordemnatural.com.br/ilhadomisterio/A](http://www.ordemnatural.com.br/ilhadomisterio/A%20representa%20da%20encruzilhada%20em) representação da encruzilhada em

Os pontos cardeais: NORTE, SUL, LESTE E OESTE nos dão a dimensão do espaço. O espaço das possibilidades a seguir. Parado no cruzamento entre dois caminhos, o homem está como se estivesse no centro do mundo, diante de um universo de alternativas. Ele tem quatro caminhos, quatro destinos, e um deles é o seu. (...) A Vida é um caminho, e encarando-a por esse ponto de vista até faz mais sentido. Então os magos acreditam que as pessoas deixam sempre algum tipo de energia emocional nas ruas e essa energia circula pelos caminhos e fica ainda mais forte quando se cruzam... Essa força inconsciente e inesgotável facilita o contato entre os mundos e por isso sempre foi usada, desde a Antiguidade.¹⁰

Ora, a encruzilhada é um símbolo importantíssimo no conto de Sophia intitulado “A viagem” pois aí as personagens encontram uma encruzilhada e têm de tomar uma decisão para poderem continuar a sua VIAGEM. À medida que o casal prossegue a sua viagem tem de escolher qual dos caminhos irá tomar: a escolha é imprescindível para a continuação da viagem. Isto conduz-nos à nossa próxima estação de paragem que servirá para abordar este tema.

5. A viagem

É, de facto, outro motivo/tema marcante na obra da escritora este motivo/tema da viagem. Muitas vezes a viagem serve de alegoria da vida, mesmo na descontinuidade e no absurdo que muitas vezes ambas apresentam. Um estudioso dos símbolos, Juan Cirlot, diz-nos que “desde um ponto de vista espiritual, a viagem nunca é mera translacção no espaço, mas sim a tensão da busca de mudança que determina o movimento e a experiência que deriva desse movimento”¹¹.

O conto “A Viagem” configura-se precisamente como uma alegoria da vida humana e do modo como as pessoas têm de escolher um caminho, ou melhor, como têm de FAZER elas próprias o seu caminho.

Voltando a Sartre e às suas teorias existencialistas o homem começa por existir e só depois se define e se faz. Segundo o existencialismo o homem começa por não ser nada – só será depois, e será como se fizer a ele próprio. Como dizia o escritor António Machado: “caminhante não há caminho/faz-se caminho ao andar”¹², ou seja, nós é que fazemos o caminho (que não está nunca feito). Este aspecto é crucial para percebermos o que o existencialismo, como corrente filosófica, acrescentou ao pensamento humano e à forma de o homem se pensar no mundo – um acréscimo de conhecimento que nos pode ser ainda muito útil nos nossos dias. De facto, se pensarmos a vida como um caminho a percorrer corremos o risco de ficar à espera que esse caminho nos surja claramente percebido, ou nos seja indicado por alguém ou por alguma coisa. Ora o que o existencialismo nos ensina (pois uma das funções da filosofia é precisamente ajudar o homem pensar-se a si próprio) é que esse caminho não

Sophia pressupõe a la limite a morte — a morte será sempre o pano de fundo do fim do caminho a percorrer como enuncia no poema “Encruzilhada”: “Onde é que as Parcas fúnebres estão?! Eu vi-as na terceira encruzilhada/Com um pássaro de morte em cada mão.” (in *No Tempo Dividido*, cf. *Ant.*, p. 145).

¹⁰ Cf “Encruzilhadas” in *Ilha do Mistério* <http://www.ordemnatural.com.br/ilhadomisterio/>

¹¹ Para Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1982: 1027), o simbolismo da viagem particularmente rico resume-se à busca da verdade, da paz, da imortalidade, dentro da procura e da descoberta de um centro espiritual”.

¹² Trata-se de um poema da obra *Campos de Castilla*: Caminante, son tus huellas /el camino y nada más; /caminante, no hay camino./se hace camino al andar./Al andar se hace camino, /y al volver la vista atrás/se ve la senda que nunca /se ha de volver a pisar./Caminante, no hay camino./sino estelas en la mar.

existe previamente definido temos de ser nós próprios a fazer o caminho que percorremos. É isso que António Machado consegue dizer de forma lapidar na frase que não cansa repetir : “caminhante não há caminho – faz-se caminho ao andar”.

Através de uma belíssima alegoria Sophia apresenta-nos todos estes problemas no seu conto *A viagem*. Nele um casal que vai numa estrada é constantemente confrontado com o desaparecimento dos caminhos. Ambos pedem indicações e ajudas mas essas pessoas também desaparecem. Os dois pensam que se enganaram, voltam atrás, tornam a avançar por outros caminhos. Até que chegam a um abismo — simbolicamente o fim da viagem e, portanto, a morte. O homem cai e pouco depois também a mulher irá cair no precipício. Mas, mesmo nesta situação limite a mulher pensa:

— Do outro lado do abismo está com certeza alguém.

E começou a chamar. (C Ex, p. 111)

Dois temas dominantes se degladiam neste conto: o absurdo e a esperança. No final, vence claramente a esperança. Deste modo, este conto contém uma lição sobre como lidar com o ABSURDO da vida : pressupõe a atitude do crente, de quem acredita que existe alguém depois da morte, mas também demonstra aquilo que Sarte dizia: “não é necessário ter esperanças para fazer”, para criar. Mesmo perante a falta de sentido com que a vida muitas vezes nos galanteia, o homem tem de se inventar a si próprio, tem de criar o seu caminho – tem de inventar o amor porque não há amor já feito. Eis porque é fundamental essa outra ideia-chave do existencialismo que é a acção.

Recorde-se, então, os diferentes conceitos-chave a que se foi aludindo (acetato):

NOÇÕES EXISTENCIALISTAS

- . **primado da existência:** existência precede o pensar
- . **contigência da vida:** finitude
- . **absurdo (até à náusea)**
- . angústia existencial
- . consciência
- . escolha
- . liberdade
- . livre arbítrio

. responsabilidade

. acção

Em jeito de fim de viagem

Por fim, convém lembrar que depuração é uma palavra chave para se falar da escrita de Sophia como alertam os críticos. Na verdade, apesar de toda a ligação com o real revelada na sua linguagem poética há um afastamento e mesmo uma recusa de uma estética da representação de tipo descritivo-realista (como se pode observar no poema *As Musas*), preterida a favor de uma estética da sugestão e do convite.

Por isso, a poetisa pode dizer (no seu texto “Arte Poética I”): “Talvez a arte deste tempo tenha sido uma arte de ascese que serviu para limpar o olhar” (*Ant*, p. 229) — frase central para podermos entender certas características da sua poesia. Entre elas destaca-se a **brevidade**, comentada por Joaquim Manuel de Magalhães, assim como o despojamento ou **depuração**¹³, referido por Eduardo Prado Coelho. Na verdade, a brevidade e o despojamento são visíveis no modo como Sophia qualifica a realidade, preferindo a breve intensidade ao alongamento descritivo¹⁴. Assim, esta arte da ascese, implicando a opção pela *breuitas*¹⁵, configura uma sugestiva poética do convite à descoberta do sentido, que muitas vezes se formula como um convite ao leitor para que a acompanhe na PROCURA¹⁶, através da leitura dos sinais que podem conduzir o ser humano, como acontece no poema “Signo”:

Signo

Meu signo é o da morte porém trago

Uma balança interior uma aliança

Da solidão com as coisas exteriores (*Ant*, p. 204)

Num dos seus últimos poemas, “O búzio de Cós”, deixou bem claro qual o lugar de onde emana a voz dos seus convites: a “praia atlântica” onde “foi criada”. Termine-se então esta viagem ao mundo de Sophia com o poema onde revela esse lugar:

Este búzio não o encontrei eu própria numa praia

Mas na mediterrânica noite azul e preta

Comprei-o em Cós numa venda junto ao cais

13 A depuração não elimina a repetição notada por Eduardo Prado Coelho, antes se serve dela.

14 Esta depuração também é observável ao nível da pontuação.

15 Segundo Joaquim Manuel Magalhães esta brevidade concretiza-se, por vezes, nessa feição que este poeta designa por “vocalização epigramática”, *apud*, Buescu, 2001: 16.

16 Sophia afirma claramente essa procura no verso “Não trago Deus em mim mas no mundo o procuro” (*Ant*., p. 225)

Rente aos mastros balouçantes dos navios
E comigo trouxe o ressoar dos temporais

Porém nele não oiço

Nem o marulho de Cós nem o de Egina

Mas sim o cântico da longa vasta praia

Atlântica e sagrada

Onde para sempre minha alma foi criada (B C: 27)

Bibliografia

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner - *Antologia*, 4ª ed., Lisboa, Moraes Editores, 1975.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner - *O Búzio de Cós*, Lisboa Caminho,
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner - *Contos Exemplares*, [1962], Lisboa, Portugália Editora, 1983.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner - *Histórias da Terra e do Mar*, [1984], Lisboa Texto Editora, 1990.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner - *Navegações*, Lisboa, IN-CM, 1983.(cf. Buescu JL: 16)
- BUESCU, Helena Carvalho - “Poesia e Realidade”, in *JL*, 21 de Março, 2001, pp. 16.
- CARMO, José Palla e - “Ficção narrativa e alegoria : *Contos Exemplares*”, in *Do Livro à Leitura*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1971.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain- *Dictionnaire des Symboles*, [1969], Paris, Éd. Robert Laffont, 1982.
- CIRLOT, Juan Eduardo - *Diccionári o de Símbolos*, Barcelona, Editorial Labor S.A., 1981.
- CRUZ, Gastão - *A Poesia Portuguesa Hoje*, 2ª ed. Aum., Lisboa, Relógio de Água, 1999.
- CIRLOT, Juan Eduardo - *Diccionári o de Símbolos*, Barcelona, Editorial Labor S.A., 1981.
- Encyclopædia Britannica CD*, Inc. EB File 4.
- SARTRE, Jean-Paul (1938) *A Náusea*, Lisboa Europa-América, 1976.
- SARTRE, Jean-Paul (1946) *O Existencialismo é um Humanismo*, (Tradução e introdução de Vergílio Ferreira [1ª ed. 1964]), Lisboa, Editorial Presença, 1978.
- SEIXO, Maria Alzira - “Ética da Poesia”, in *JL. Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 21 de Março de 2001, pp. 14-15.